

Questões morais sobre a moda na imprensa entre o XIX e o XX¹

Rosane FEIJÃO²

Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Vista durante muito tempo como uma ameaça principalmente às virtudes das mulheres, a moda passa a ter uma abordagem diferente no início do século XX no Rio de Janeiro. Em uma época em que a busca por distinção exigia que as novidades lançadas na Europa fossem acompanhadas com especial atenção, seguir a moda deixa de ser moralmente condenável para se configurar como um dos predicados essenciais de homens e mulheres modernos.

PALAVRAS-CHAVE: moda; revistas; Rio de Janeiro; belle époque carioca.

TEXTO DO TRABALHO

Introdução

Os portugueses que chegaram ao Brasil no início do século XVI trouxeram com eles o fenômeno da moda. A partir de então, as normas – morais e sociais – desenvolvidas desde o final da Idade Média no continente europeu passaram a dominar a relação tanto dos nativos e quanto dos novos habitantes da terra com seus corpos e suas roupas. Tal afirmação não significa que as populações que aqui residiam antes da colonização portuguesa não fossem capazes de estabelecer suas próprias normas – tivessem elas ou não o corpo coberto por artefatos têxteis – mas que naquele momento houve um confronto entre culturas tornado claro pela lógica que regia a construção da aparência pessoal de uma e outra sociedade e que uma delas prevaleceu.

Para as tribos que habitavam o território brasileiro, o corpo era tratado – enfeitado, vestido, pintado – da mesma maneira que outras manifestações culturais por elas produzidas, ou seja, de forma a perpetuar o passado e as tradições, de acordo com preceitos inalterados de geração em geração (LIPOVETSKY, 1989: 27). Para os europeus, desde o século XIV, os modelos a serem seguidos não se encontravam mais nos ancestrais, mas nos inovadores contemporâneos. Tal princípio se configura como uma das principais características do sistema de moda:

a moda faz parte estruturalmente do mundo moderno em devir. Sua instabilidade significa que o parecer não está mais sujeito à legislação intangível dos ancestrais, mas

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bolsista-pesquisador do Setor de História da Fundação Casa de Rui Barbosa, email: feijão.rosane@gmail.com.

que procede da decisão e do puro desejo humano. Antes de ser signo da desrazão vaidosa, a moda testemunha o poder dos homens para mudar e inventar sua maneira de aparecer; é uma das faces do artificialismo moderno, do empreendimento dos homens para se tornarem senhores de sua condição de existência. (idem: 34)

Pelo menos desde o final do século XIII, a inconstância das preferências estéticas dos seguidores mais entusiasmados da moda já era alvo de críticas nas sociedades modernas ocidentais, que por esta época já haviam desenvolvido o gosto pela novidade típico do sistema de moda. A instabilidade e a estranheza das aparências tornaram-se objetos de questionamento, de espanto, de fascínio, ao mesmo tempo que alvos repetidos de condenação moral (idem: 31). Para os mais conservadores, as mudanças provocadas pela moda representavam a expressão máxima da decadência dos costumes, já que os novos estilos e formas poderiam abrir caminho não tanto e não somente a novas roupas, mas, sobretudo, a um novo modo de conceber a vida, a religião, a ética (CALANCA, 2008: 46). A maior parte das críticas era dirigida às mulheres e aos jovens, parcelas da população vistas como símbolos por excelência da falta de medida e do exagero no adornar-se:

Ambos, juntos, são identificados com comportamentos condenáveis: o mesmo luxo, a mesma orgia de roupas e de ornamentos os une. Mulheres e jovens cedem a modas indecentes e vergonhosas, juntos participam dos bailes, das diversões, das festas que acompanham os casamentos. Deles se deve esperar o pior, por sua falta de medida, sua fragilidade (...). Ambos constituem um obstáculo à paz e à salvação (Idem: 55/56).

Com o acirramento das questões religiosas no século XVII, a moda passa a ser vista como “uma força alienante e demoníaca”, contaminando o universo com irracionalidade e inconstância. Os “efeitos ilusórios, artificiosos, antinaturais da mudança das aparências” tornam-se uma ameaça aos fundamentos da religião (idem: 63). Em obra de 1642, intitulada “Contre Mode”, o autor M. de Fitelieu se mostra horrorizado com as conseqüências funestas que a moda operava sobre aqueles que a seguiam com maior ardor: as funções mais nobres que o corpo de um homem poderia desempenhar, afirmava Fitelieu, haviam sido comprometidas, corrompidas pelas riquezas materiais. Para este ferrenho crítico da moda, as mudanças nas aparências praticadas por seus contemporâneos pervertiam a natureza e criavam verdadeiros monstros que misturavam gêneros, idades, nacionalidades e diferentes extratos sociais: ao invés de distingui-los, os trajes agora os confundiam (WAQUET, 1986: 91-104).

Mas nenhuma censura, fosse ela de ordem política ou religiosa, foi suficiente para frear o poder da moda como fenômeno estruturante das aparências. A moda encontrou também defensores, que proclamavam uma possível simbiose com a natureza, ao invés de

sua degenerescência: argumentavam que os esforços empreendidos pelas mulheres para se manterem belas auxiliavam a manutenção e regeneração dos corpos. Da mesma forma, a diversidade de cores dos trajes femininos se relacionava à dos frutos e flores e, ao adotar o ritmo das estações, a moda fundia-se à ordem universal da natureza (Idem, ibidem).

O século XIX

A segunda metade do século XIX dá início a uma nova fase na história da moda: o ritmo das transformações é marcado pela produção dos grandes costureiros, que vêm dar certa regularidade à produção de novidades após um período em que estas surgiam a todo momento, no final do Antigo Regime.

As camadas mais abastadas da sociedade brasileira acompanhavam com atenção as novidades lançadas pela alta-costura européia, buscando atualizar sempre que possível seu guarda-roupa com o que surgia em Londres e Paris. Apesar de essa atualização se fazer em grande parte através de revistas estrangeiras, a maior parte delas de origem francesa, a imprensa nacional já produzia alguns periódicos especializados em moda e outros que dedicavam boa parte de seu espaço ao assunto.

No Rio de Janeiro, no final do século XIX, o mais famoso entre os periódicos chamados “femininos” era *A Estação*, uma publicação quinzenal editada pela tipografia Lombaerts, que circulou regularmente no período de 15 de janeiro de 1879 a 15 de fevereiro de 1904. Em suas páginas fartamente ilustradas eram publicados figurinos, muitos deles com moldes e instruções de montagem, além de ilustrações de diversos tipos de trabalhos manuais e esquemas de bordados. Na primeira página, a coluna “Correio da moda” discorria sobre assuntos cotidianos ligados ao vestir, como as roupas ideais para as crianças ou o conforto e a elegância dos vestidos “para estar em casa”. Os textos eram geralmente descritivos, mas na edição de 15 de dezembro de 1895, a colunista se permite opinar sobre a moda de chapéus cada vez maiores e mais ornamentados, condenando os excessos nesse sentido:

Já não são chapéus, porém monumentos extraordinários que ellas [as chapeleiras] têm a pretensão de nos collocar sobre a cabeça, sob o pretexto de modas á Luiz XVI, á Lamballe, á Trianon! Eu não digo que as senhoras fiquem feias assim, arranjadas com os cabellos arrepiados e olhos brilhantes, porem gostaria de fazer comprehender ás minhas contemporâneas que este modo de vestir-se não é pratico para a vida ordinária. É só o que quizera provar. Também aconselhamos de adoptar uma media razoável como o fazemos neste jornal o qual seguimos scrupulosamente a moda, evitando sempre a exageração sem nunca entregar-nos totalmente a ella, como fazem certas costureiras parisienses.

O tom é cauteloso: não há um ataque deliberado contra a moda, embora seja dado a entender que não é coisa muito positiva “entregar-se totalmente” às excentricidades parisienses. Tal postura talvez possa ser explicada pela genealogia do jornal, que havia circulado na cidade inicialmente em sua versão original, francesa, sob o nome *La Saison*, entre 1872 e 1878. Apesar de a Igreja ainda manter seu discurso condenatório, o gosto pelas novidades já havia se transformado em “*politesse naturelle et distinctive des Français*” desde o final do século XVII, quando o rei Luis XIV tornou seu país o centro da moda ocidental. A moda nascia na corte e, por ondas sucessivas, se estendia sobre a cidade, sobre as províncias, sobre os países estrangeiros, deixando de ser objeto de censura para se tornar uma lei imprescindível às pessoas sensatas, civilizadas e criativas (WAQUET, 1986: 91-104).

Assim, no final do século XIX, na França, a moda e aqueles que tinham prazer em segui-la já não eram mais condenados nem mesmo em periódicos mais conservadores, consagrados à família, como é o caso da revista *Le Foyer - revue bi-mensuelle illustrée des connaissances pratiques de la Famille, de l'Hygiene et de la Santé*. Os poucos alertas lançados contra a moda levantavam sobretudo questões higiênicas e de saúde. A coluna “*Courrier de la Mode*” da edição de 02 de novembro de 1895, por exemplo, pede cuidado às suas leitoras com a voga de golas excessivamente longas. Segundo a autora do texto, as extravagantes novidades eram, sem dúvida, belas e constituíam uma excelente proteção para a garganta naqueles primeiros dias de frio mais intenso, mas poderiam ocasionar certa rigidez à cabeça. Ao tratar de roupas de crianças na edição de 16 de novembro do mesmo ano, a colunista defende o direito das mães de quererem enfeitar seus filhos, mas aconselha que a estes seja propiciado certo conforto e liberdade de movimentos a fim de que se mantenham saudáveis e cresçam fortes.

Brazil Elegante era uma publicação que circulava no Rio de Janeiro na mesma época de *A Estação*. Definido em editorial como um “jornal de modas”, seu conteúdo tinha por objetivo dar subsídios às suas leitoras para que pudessem se vestir adequadamente em diferentes ocasiões, que iam de casamentos e viagens à vida cotidiana. Numa mesma edição poderiam ser vistos modelos de vestidos de gala, de *tailleurs* usados para passeios pela cidade e de roupas mais caseiras, como *robes de chambre*, *liseuses* e *deshabillées*.

Mas ao mesmo tempo em que divulgava sofisticadas formas de vestir, publicava artigos alertando para os perigos que cercavam aquelas que desenvolviam sede excessiva

por novidades. O acompanhamento muito atento da moda era visto como um inimigo das virtudes que senhoras e senhoritas deveriam cultivar.

Não é raro encontrar textos onde a moda é tratada como uma entidade caprichosa, portadora de vontade própria, capaz de seduzir e corromper senhoras e donzelas. Em um deles, a colunista a descreve como uma

graciosa e encantadora personalidade que nos fascina, seduz e governa, e que ora nos aparece no meio dos nossos sonhos, vestida como meiga fada envolvida na sombra misteriosa do imprevisto ordenando-nos que a sigamos às regiões do infinito por onde ella muitas vezes divaga, ora a vemos chegar até junto de nós, ostentando um luxo e riqueza que nos deixa completamente maravilhadas, conversar connosco, como a mais íntima das amigas e oferecer-nos o fructo das suas investigações e apurados estudos para nos tornar bellas e elegantes. (*Brazil Elegante*, 16/07/1898)

Mas era preciso tomar cuidado com esta “amiga” tão sedutora: suas extravagâncias poderiam tornar suas seguidoras “ridículas” – adjetivo frequentemente usado para qualificar modismos mais polêmicos, sobretudo aqueles que tornavam mais visíveis as transformações do papel da mulher na sociedade. É o caso do artigo publicado em *Brazil Elegante* de 01 de agosto de 1898, francamente contrário ao novo corte do *tailleur* feminino, mais reto e alongado, que o aproximava do feitio dos casacos masculinos. A mudança foi considerada uma idéia “tristíssima”:

Que a moda e as suas favoritas que se lembraram de tão absurda idéa, se compenetrem que o movimento feminista não chegou ainda ao ponto de obrigar as senhoras a usar factos que só podem convir ao sexo masculino.

A mulher desempenha na vida e na sociedade um papel que nunca poderá ser transformado, razão demasiada para que a sua *toilette*, seja qual for a idea que possa ter imperado no espirito da moda, não seja igualmente transformada.

Cada um no seu lugar, homens e senhoras todos irmãmente vestidos seria uma das maiores loucuras d’este seculo.

Ao defender a manutenção dos modelos existentes, a colunista esclarece: “procedendo assim, cumpro apenas o dever que me impõe o cargo que tomei”. Dever, ao que parece, mais educativo e disciplinador do que informativo. A posição conservadora da autora de tais textos é, por essência, oposta ao princípio motor da moda, que consagra as novidades e impõe constantes mudanças à construção da aparência pessoal.

Mas, apesar de paradoxal, tal postura ainda fazia sentido no Rio de Janeiro naquele final de século XIX, em momento ainda anterior ao projeto de modernização da cidade, onde tais revistas circulavam. A elite da sociedade carioca já mostrava sinais de mudança, mas sua composição não havia mudado radicalmente: grande parte ainda provinha de famílias tradicionais, ligadas à produção agrária, que mantinha, apesar das pressões por

mudanças, alguns de seus valores originais. Valores estes que a cronista evoca ao atacar o novo corte do casaco feminino:

Desengane-se a moda, que a sua idéa, tão ridícula como tão absurda e idiota, terá a condemna-la não só a minha voz, mas a de todas as senhoras que presam a sua dignidade, a distincção do seu sexo e a alegria na arte de vestir. (Idem)

O século XX no Rio de Janeiro

Há, no entanto, um momento em que se pode perceber uma virada na postura cuidadosa em relação à moda que vinha sendo observada no país até mesmo pela imprensa especializada. Esse momento está diretamente ligado às transformações urbanas por que passou o Rio de Janeiro no início do século XX, durante a administração do Prefeito Pereira Passos. O projeto de modernização da cidade se estendia para muito além da dimensão puramente urbana. Foram feitos esforços e até mesmo projetos de lei para que os hábitos e vestes da população, especialmente a que freqüentava as áreas reformadas da cidade, se coadunasse com a modernidade buscada para a capital do país. A busca pela modernização das aparências teve como consequência uma significativa demanda por informações de moda, que agora dispensavam as lições de moral.

Um bom exemplo disso é a coluna “Atravez da Moda”, publicada na revista *O Mez* durante todo seu tempo de circulação, entre 1906 e 1907. Em uma das edições, o colunista constrói a história da moda a partir de uma visão lírica e fantasista, segundo a qual a Moda teria nascido

do encontro de dous seres do mesmo sexo ou de sexos diferentes, porque a casquilharia é um principio fundamental de todas as creaturas: no seu estado latente precisou de uma scentelha para desenvolver-se e esta scentelha foi naturalmente o amor! O amor e seus derivados a rivalidade, o ciúme: elementos bastantes sufficientes para crearem a Moda, triumphar, avassalar um coração e suplantar uma rival. (*O Mez*, agosto de 1906)

Citando diversas civilizações, desde os assírios e egípcios até os tempos de então, o autor destaca o triunfo da moda, apesar dos muitos percalços por ela enfrentados:

Apezar da sua fútil apparencia, a Moda contorna os acontecimentos, ligando-a mesmo directamente à evolução humana. Assim como as nações, teve suas crises, insurreições, períodos de tranquillidade. Conheceu a perseguição e foi proscripta. Entretanto, cercada, perseguida, votada à execração dos séculos, continuou sua marcha ascendente, rindo-se das cóleras, dos editos e das leis sumptuarias, escarnecendo das autoridades, mostrando-se ainda mais fantástica, caprichosa, mesmo desconcertada, para vir até a nossa época, depois deste curso desenfreado, triumphante, conduzindo os destroços de um tempestuoso passado. (Idem)

Pode-se imaginar o efeito de tais palavras sobre as leitoras da época: depois de um percurso heróico, a moda agora dependia da bravura e dedicação de suas admiradoras para que pudesse continuar a desenvolver seus “ornatos originais”. E, sem sugerir qualquer culpa por seu envolvimento com o que já havia sido classificado anos antes como uma ameaça ao equilíbrio dos lares, uma seqüência de frases de efeito destaca os prazeres advindos da contínua produção de novidades de que aquela coluna se ocupava:

O coração da mulher rejubila-se com esta divina commoção de se ver enfeitada de cousas inéditas, dando à sua esthetica aspectos diversos. (...)

Mas a Moda, graciosa leitora, apesar de não formular claramente o seu pensamento, não deixará por isso de merecer a vossa delicada ternura, sorrisos encantadores; ella vos envolve de nuvens, vos torna deusa, dando ao perfil uma forma graciosa, etherea, quase divina. Também vos circunda de atavios tão leves e frágeis, que parecem tecidos pela brisa odorante de algum Éden desconhecido. (Idem)

Em 1913, no texto de apresentação da revista *A moda do dia - Revista mensal de elegancia publicada no Rio de Janeiro*, a atenção para com a moda já havia deixado de ser tratada como “simples satisfação de um instinto” para atingir o status de “um dever inilludível” da mulher moderna que tinha entre suas obrigações revelar à sociedade em que vivia “imagens de elegância, de graça e de beleza”. Incumbida de uma missão bastante diferente da cronista de *Brazil Elegante* do final do século XIX, a direção de *A moda do dia* empenhava seus esforços para desvincular a moda de uma imagem negativa, passível de censura. Em editorial de 01/07/1913, lê-se:

Não constitue uma tarefa de diminuta importância a criação da moda; não é uma occupação de pequena monta collocar uma estampilha indiscutida no modelo que symbolizará a voga. Caprichosa, a moda deve ser cegamente adoptada, sem que se discutam os seus caprichos nem a sua oportunidade.

Às novas abordagens da moda, no entanto, não correspondiam necessariamente, representações mais evoluídas da mulher. O cuidado com a aparência continuava a ser, sob muitos aspectos, um jogo de sedução que mantinha os seres do sexo feminino numa relação de dependência e submissão:

Para o homem, inconstante e volúvel, a toilette da mulher parece ser um artifício que a renova e varia o seu prestigio. Graças às evoluções offerecidas pela Moda, Ella revelará sucessivos e differentes aspectos, próprios a satisfazer a versatilidade masculina.

E a essa arte de transformação a mulher maravilhosamente se presta, retirando d’ahi além das vantagens phisicas, uma utilidade moral.

Ella se adapta a todas as phantasias que a fértil invenção dos hábeis costureiros parisienses lhe propõe e, submettendo-se docilmente às imposições da Moda, eternamente mutável se manifesta aos olhos maravilhados do homem, reconhecidamente surpreso deante de tão aprazíveis visões.

A preocupação com a aparência e a busca de informações relativas à moda haviam se tornado imprescindíveis à mulher moderna, e já não eram mais vistos como algo condenável.

Moda masculina

Desde seus primeiros números, na primeira década do século XX, revistas ilustradas como *Fon-Fon!* e *Careta* publicavam com frequência artigos, notinhas e charges tendo por objeto a moda masculina. A elegância havia se tornado uma preocupação constante dos cavalheiros que percorriam as áreas nobres da cidade, já que os deslizos dessa natureza não passavam despercebidos por jornalistas e colunistas sociais e rapidamente poderiam se tornar públicos através de notinhas depreciativas.

Apesar de o vestuário moderno masculino ter se formado a partir da idéia de sobriedade e despojamento, havia ali uma complexa combinação de símbolos que deveriam ser competentemente combinados de forma a inspirar respeito e admiração. Para compor uma aparência moderna, além de bom senso fazia-se necessária a atualização constante das novidades que surgiam a todo momento nos grandes centros mundiais. A aparência dos homens de elite tinha que, ao mesmo tempo, refletir um bom conhecimento da moda e uma suposta pouca importância dada a ela, já que o trabalho e as idéias (econômicas, políticas ou literárias) deveriam ser suas preocupações principais.

O equilíbrio entre o descaso, que poderia se confundir com desleixo, e o excesso, que caracterizaria um homem pouco sério, não era algo simples de ser alcançado. Aqueles que conseguiam combinar sobriedade com a dose certa de ousadia eram aplaudidos pela imprensa, que os chamava de *smarts*.

A moral que regia a aparência masculina preconizava o distanciamento das questões frívolas que cercavam as vestimentas, pois estas teriam supostamente deixado de ter importância na competição social em um mundo pós Revolução Francesa, a partir do estabelecimento da igualdade política entre os homens: as distinções não se expressariam mais pelos sinais exteriores da roupa, mas através das qualidades pessoais de cada um (SOUZA, 1987:80). Mas não parece ser exatamente esta a opinião da revista *Fon-Fon!*, que disserta sobre o poder das aparências em editorial de 30/04/1910:

Roupa, ou melhor, o habito exterior, é, para as exigências da Civilização, o melhor documento de mérito. E é mesmo. Assim, à primeira vista, quem lhes parece mais inteligente? Aquele *veston* comprido, denunciando o corte moderno da thesoura elegante do Brandão, ou este modesto paletot sacco, cortado em grosso nos armazéns da Rua do Hospício?

Após desenvolver o texto de forma a contrariar as expectativas, colocando em evidência a banalidade do discurso do amigo elegante em contraste com a inteligência e o talento literário do rapaz mais modesto, o autor se rende à lógica da sociedade em que vivia e aconselha:

Vejam vocês, eu mesmo gastei mais tempo de tratar do *veston* do que do *paletot sacco*. É assim a vida.

Veste-te bem se queres vencer... Não sei se o Marquez de Maricá registrou esta sentença. Talvez não. É que o Marquez viveu em outros tempos, mais ingênuos, naturalmente. Registro-a eu e acrescento: a roupa dá talento.

Fica claro, portanto, que não era necessário cultivar adornos elaborados, rendas ou bordados, como o faziam os homens de corte dos séculos XVII e XVIII, para configurar envolvimento com a moda. Os dandies ingleses da primeira metade do século XIX são um exemplo de como a atenção desmesurada com a aparência pode resultar em austeridade e aparente simplicidade: os trajes escuros e de corte impecável introduziram um novo conceito de luxo para o vestuário.

Governada por uma moral ainda muito rígida, a sociedade carioca do início do século XX via com maus olhos qualquer desvio de comportamento. Talvez por isso as regras de elegância fossem tão precisas. E tanto as revistas de moda quanto as ilustradas, cada uma a seu jeito, se incumbiam de disseminar tais normas.

O artigo publicado na revista *A moda do dia* de março de 1914 é um exemplo de como poderiam ser específicas as informações sobre cortes, cores e tecidos das diferentes peças que compunham o guarda-roupa masculino:

Quanto à casaca, tem actualmente abas mais abertas; ellas são longas. Com uma casaca preta, o collete branco se impõe; deve ser de fustão e não mais de seda. Os botões são de madreperola, em numero de tres ou quatro, e muito proximos uns dos outros. A calça, menos larga, apresenta um galão lateralmente.

Não é de estranhar que tais trajes sejam freqüentemente comparados a uniformes. Os que se aventuravam a inovar corriam o risco de serem ridicularizados por suas escolhas pouco ortodoxas, especialmente se elas se davam no campo das cores. Os trajes coloridos haviam sido abandonados pelos homens à medida que se reforçavam as ligações entre a “grande renúncia masculina”³ e o mundo democrático burguês:

³ O termo “a grande renúncia masculina” foi cunhado pelo professor de psicologia, J. C. Flügel em seu livro *The psychology of clothes*, de 1930, para nomear as drásticas mudanças do vestuário masculino após a Revolução Industrial quando os homens da aristocracia substituíram os trajes ricamente ornados e coloridos, típicos da vida de corte, por outros, mais sóbrios e austeros, de preferência escuros. A renúncia a que faz

O traje masculino neutro, escuro, austero, traduziu a consagração da ideologia igualitária como ética conquistadora da poupança, do mérito, do trabalho das classes burguesas. O vestuário precioso da aristocracia, signo da festa e do fausto, foi substituído por um traje que exprime as novas legitimidades sociais: a igualdade, a economia, o esforço. (LIPOVETSKY, 1989: 91)

Nada disso impediu, no entanto, a moda de desenvolver códigos de distinção mesmo dentro de um ambiente tão austero. “Pequenos nadas” passam a fazer toda a diferença e têm a capacidade de aumentar ou diminuir o prestígio daqueles que os adotam ou que deles se mantêm afastados (idem: 32). A revista *Fon-Fon!* publicou vários artigos tendo a cartola como tema, lamentando ou enaltecendo a tendência da moda de substituí-la pelo chapéu baixo. Usada como complemento da sobrecasaca preta, símbolo da mais alta formalidade, de “intenções graves – visita de pezames ou felicitações de casamento, pedido de emprego ou missa de sétimo dia” (*Fon-Fon!*, 30/07/1910), a cartola começa a cair em desuso quando as idéias de velocidade e leveza se tornaram determinantes na formatação do vestuário masculino.

Em um tempo em que nenhum homem honrado saía à rua com a cabeça descoberta, as diversas possibilidades oferecidas pelos chapéus, com seus diversos formatos, materiais e maneiras de usar, constituíam uma preocupação a mais na vida daqueles que almejavam a elegância. Mas tal preocupação jamais deveria ser exteriorizada: se o fosse, caracterizaria homens desprezíveis, semelhantes ao que Lima Campos, em editorial da *Fon-Fon!* de 20 de agosto de 1910, descreve como “uma figura elegante, inútil e parva de um dos nossos Brumell, que vive para o alfaiate, que vive do alfaiate, porque é o alfaiate que o faz”.

Brumell, o primeiro dos dândies, introduziu na corte inglesa do final do século XVIII um estilo de vestir que se caracterizava por um despojamento paradoxalmente espetacular, já que o usual naquele ambiente eram trajes intensamente ornamentados. Nossos *smarts*, mais de um século e muitas milhas distantes desse personagem misterioso e polêmico, ainda o tomavam como modelo, mas já não chocavam seus contemporâneos: tornaram-se, ainda segundo Lima Campos, simplesmente “alfaiateados” – ou, para usar a expressão de Flora Sussekind (1987: 104), “personagens absolutamente figurinos”. A expressão havia sido originalmente utilizada por João do Rio ao descrever a família Sanchez em *A correspondência de uma estação de cura*, para destacar a importância da aparência na composição de personagens representativos da sociedade da época:

alusão é à fantasia no vestir, afastando os homens de um mundo considerado superficial e fútil, a partir de então tornado domínio exclusivamente feminino.

Absolutamente figurinos, gravuras da *Vie Hereuse*. Dá vontade de apalpá-los a ver se são mesmo de carne e osso. O Sanchez faz, entretanto, um esforço: está lendo (ricamente encadernado) o quinto volume dos *Miseráveis*, de Victor Hugo. (RIO, 1918 apud SUSSEKIND, 1987: 108)

Segundo Simmel (2008: 21), a moda nada mais faz do que obedecer ao fundamento fisiológico de nossa natureza, que pede movimento e repouso, produtividade e receptividade. A moda, diz ele, é produto de nossa alma, que oscila entre o desejo de fusão com nosso grupo social e o esforço individual para desse grupo nos destacarmos. Por estar ligada a questões essenciais, que atingem desde as esferas mais íntimas de nossas vidas, até as intensamente difundidas no âmbito social, a moda será sempre menos tolerada em ambientes onde mudanças são vistas com desconfiança. Por esta razão é que desde seu surgimento ela esteve envolvida com questões de ordem moral: as aparências sempre estiveram submetidas a algum tipo de julgamento.

REFERÊNCIAS

- CALANCA, Daniela. *História social da moda*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.
- CRESTANI, Jaison L. *O perfil editorial da revista A Estação: jornal ilustrado para a família*. In: <http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/67/61>, 2008.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- RIO, João do. *A correspondência de uma estação de cura*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1918
- SIMMEL, Georg. *Filosofia da moda e outros escritos*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008.
- SOUZA, Gilda Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo das letras – literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- WAQUET, Françoise. *La mode au XVIIe siècle: de la folie à l'usage*. In: Cahiers de l'Association Internationale des études françaises. 1986, n. 38, pp. 91-104. http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/caief_0571-5865_1986_num_38_1_1969

Revistas pesquisadas:

A Estação, 1895.

A Moda do Dia, 1913-14.

Brazil Elegante, 1898.

Fon-Fon!, 1910.

Le Foyer, 1895.

O Mez, 1906-07.